

FÓRUM NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO (FNPJ)
XIV ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO
X CICLO NACIONAL DE PESQUISA EM ENSINO DE JORNALISMO
MODALIDADE DE TRABALHO: Comunicação Científica

GRUPO DE PESQUISA: Pesquisa na Graduação

O “CASO BRUNO”: A REPRESENTAÇÃO DO FATO E DO ATOR SOCIAL EM GÊNEROS DA MÍDIA IMPRESSA

Maria Aparecida Resende Ottoni¹
cidotton@gmail.com
Andrêssa dos Santos Pereira²
andressa.ufu@gmail.com
Gisllene Rodrigues Ferreira³
gisllene.ufu@gmail.com

RESUMO: Neste artigo, analisamos a representação do ator social Bruno Fernandes - acusado de ser o responsável pela morte de Eliza Samudio -, e desse fato, em textos de gêneros do jornalismo informativo (notícia e reportagem) e opinativo (editorial, artigo de opinião e carta do leitor). Baseamo-nos em estudos sobre referenciação (KOCH, MORATO e BENTES, 2005), na Análise de Discurso Crítica (FAIRCLOUGH, 2003), especificamente no significado representacional e também na proposta de Van Leeuwen (1997) e Fairclough (2003) para análise da representação dos atores sociais. A partir de análise quali-quantitativa, de cunho analítico-descritivo, observamos um predomínio de expressões nominais definidas e de classificação de modo específico, em todos os gêneros, e a prevalência da nomeação na reportagem e no editorial. Nomeação e classificação constituíram recursos fundamentais na construção de representações e da referenciação nos textos. As escolhas linguístico-discursivas marcaram a crueldade e a barbaridade do fato e posicionaram Bruno como culpado e como alguém que “jogou sua vida no ralo” e “pôs tudo a perder”.

PALAVRAS-CHAVE: Representação. Referenciação. Gêneros. Mídia impressa.

¹ Doutora em Linguística pela Universidade de Brasília. Professora dos cursos de Letras e de Comunicação Social: habilitação em Jornalismo, da Universidade Federal de Uberlândia.

² Graduanda do curso de Comunicação Social: habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), de dezembro de 2010 a dezembro de 2011, por meio do edital 01/2010 – Demanda Universal.

³ Graduanda do curso de Comunicação Social: habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), de dezembro de 2010 a dezembro de 2011, por meio do edital 01/2010 – Demanda Universal.

1. Considerações iniciais: contextualizando e justificando a proposta

Neste artigo apresentamos resultados parciais do projeto de pesquisa “Os gêneros da mídia impressa: a representação de fatos e de atores sociais”, fomentado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), por meio do edital 01/2010, Demanda Universal⁴.

O projeto tem como objetivo geral investigar como se dá a representação de um mesmo fato⁵ e dos atores sociais nele envolvidos, nos gêneros reportagem, notícia, editorial, artigo de opinião e carta do leitor, veiculados em jornais e revistas de circulação nacional. Ele está subsumido ao projeto “Gêneros, discursos e identidades na mídia brasileira”, coordenado pela Profa. Dra. Maria Aparecida Resende Ottoni, e vinculado ao Grupo de Pesquisas e Estudos em Análise de Discurso Crítica e Linguística Sistêmico-Funcional e ao Grupo de Pesquisa sobre Texto e Discurso, do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia.

Neste estudo, estabelecemos um diálogo entre a proposta de Fairclough (2003), no que diz respeito ao significado representacional, a de van Leeuwen (1996, 1997) para a análise da representação de atores sociais e os estudos sobre referenciação (KOCH, 2003; KOCH, MORATO e BENTES, 2005). Das categorias relativas ao significado representacional, investigamos as escolhas lexicais e algumas das variáveis propostas por Van Leeuwen (1996 e 1997) e apropriadas por Fairclough (2003) para a análise da representação de atores sociais, a saber: nomeação/classificação ou categorização, especificação/generalização, ativação/passivação, pessoalização ou personalização/impessoalização ou impersonalização, as quais associamos ao emprego das expressões nominais definidas e indefinidas para a construção da referenciação.

Além disso, nós nos apoiamos em estudos sobre os gêneros da esfera jornalística produzidos na área da Comunicação Social e na área da Linguística.

A metodologia adotada é de natureza quali-quantitativa e de cunho analítico-descritivo. Acreditamos, como Goldenberg (2001, p. 62), que “a integração da pesquisa quantitativa e qualitativa permite que o pesquisador faça um cruzamento de suas conclusões de modo a ter maior confiança que seus dados não são produto de um procedimento específico ou de alguma situação particular”.

⁴ Agradecemos o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), sem o qual o desenvolvimento da pesquisa não teria sido possível.

⁵ No desenvolvimento do projeto, foram selecionados textos referentes a cinco fatos que receberam destaque na mídia de 2008 a 2011.

Os resultados aqui apresentados referem-se à análise da representação de um fato - o assassinato de Eliza Samúdio, mãe do filho de Bruno Fernandes, então goleiro do Flamengo, ocorrido em 2010 - e do ator social Bruno em cinco textos de diferentes gêneros da mídia impressa. São dois gêneros do jornalismo informativo (MARQUES DE MELO, 2003): uma notícia e uma reportagem; e três do jornalismo opinativo: um editorial, um artigo de opinião e uma carta do leitor.

A notícia “Goleiro Bruno é condenado por sequestro” foi produzida por Diana Brito e Rodrigo Vizeu e publicada no jornal Folha de S. Paulo do dia 8 de dezembro de 2010, no caderno C4. A reportagem “Indefensável” foi elaborada por Nelito Fernandes, Martha Mendonça, Rafael Pereira e Leopoldo Mateus e publicada na revista Época do dia 12 de julho de 2010, edição Nº 634. O editorial “A defesa de Bruno” foi publicado na revista Placar de julho de 2010 na edição 1344 e o artigo de opinião “A nação rubro-negra e seus bad boys” foi escrito por Ruth de Aquino, diretora da sucursal de Época no Rio de Janeiro, e publicado na revista Época do dia 12 de julho de 2010, Nº 634. Na mesma revista, na edição Nº 635 do dia 19 de julho de 2010, foi publicada a carta do leitor “A prisão de Bruno”, escrita por Nina Barros, Rio de Janeiro- RJ.

A opção por esses gêneros deve-se ao fato de considerarmos, seguindo Marques de Melo (2003), que eles representam os quatro núcleos a partir dos quais se constitui a valoração dos acontecimentos: a reportagem e a notícia representam o núcleo-jornalista; o editorial, o núcleo-empresa; o artigo de opinião, o núcleo-colaborador; e a carta do leitor, o núcleo-leitor. Essa escolha de distintos gêneros também se deve ao fato de acreditarmos que as representações de um fato ou acontecimento e dos atores sociais envolvidos podem ser realizadas de maneira diferente em gêneros distintos e nos mesmos gêneros publicados em suportes variados.

Com relação à seleção da mídia impressa, acreditamos que ela é uma rica fonte de dados para projetos em Ciência Social, como defende Mautner (2008). Segundo ele, a ubiquidade da mídia impressa, a atenção do público e sua influência política já são suficientes para gerar interesse entre os cientistas sociais⁶. Além disso, Mautner argumenta que esse tipo de mídia oferece vantagens práticas em relação a outras mídias: é mais fácil de coletar dados, não requer transcrição e não envolve o problema

⁶ Chouliaraki e Fairclough (1999) e Fairclough (2003) situam a Análise de Discurso Crítica (ADC) na Ciência Social Crítica, que é uma “ciência social motivada pelo objetivo de fornecer base científica para um questionamento crítico da vida social em termos políticos e morais, ou seja, em termos de justiça social e poder” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 15). Nesse sentido, considera-se que a ADC é uma forma de Ciência Social Crítica. Assim, nós, analistas do discurso críticos, somos também cientistas sociais críticos.

do paradoxo do observador, pois o material não muda por causa da presença do pesquisador.

Para além dessas vantagens práticas, Mautner (2008, p. 32) argumenta que “a mídia impressa, pelo menos a de grande circulação, reflete muito a tendência social dominante (ou uma tendência, já que em sociedades pluralistas, geralmente há mais de uma)”⁷. Por tudo isso, nossa investigação centra-se na análise da representação em gêneros da mídia impressa.

No que diz respeito à seleção do fato, ela se justifica por alguns motivos. Ele teve ampla divulgação e repercussão nos diferentes meios de comunicação e representa valores-notícia⁸ que chamam a atenção e são de grande repercussão em nossa sociedade, a saber: celebridade, notícia ruim e impacto. Outrossim, diz respeito a um problema social grave e cada vez maior no Brasil: a violência.

Sobre a violência, Carneiro (2010) afirma que,

Entre 2003 e 2007, mais de 240 mil pessoas foram vítimas de homicídio no Brasil, o que significa uma média anual, no período, de aproximadamente 27 homicídios para cada grupo de 100 mil habitantes. Essa taxa coloca o Brasil entre os países mais violentos do mundo. (...) Apesar de esse ter sido um período de crescimento econômico, gastos sociais elevados e redução da desigualdade, a taxa de homicídios aumentou 15% no Brasil, excluindo-se São Paulo e Rio de Janeiro do cálculo nacional. (Disponível em: http://interessenacional.uol.com.br/artigosintegra.asp?cd_artigo=80. Acessado em 02 de janeiro de 2011).

Estão incluídos nesses altos índices todos os tipos de violência: a de gênero, a escolar, a familiar etc.

O fato a que os textos selecionados referem-se trata da violência de gênero⁹, mais especificamente de um homem contra uma mulher. Esse tipo de violência tem sido praticado em larga escala no Brasil e tem merecido a atenção de vários pesquisadores, de diferentes campos do saber.

Apesar de este estudo não ter como foco a investigação da violência em si, acreditamos que possa também contribuir para uma melhor compreensão de como a

⁷ Tradução nossa.

⁸ Harcup e O'Neill (2001) fizeram uma revisão na taxonomia dos valores-notícia proposta por Galtung e Ruge e apresentaram 10 (dez) valores-notícia, a saber: (1) referência à elite do poder; (2) celebridade; (3) entretenimento; (4) surpresa; (5) notícias ruins; (6) uma boa notícia; (7) magnitude (impacto); (8) relevância (para o público-alvo); (9) *follow-up* (o que já é notícia é mais provável de ser comunicado novamente); e (10) agenda individual de jornais.

⁹ “Violência de gênero é o conceito mais amplo, abrangendo vítimas como mulheres, crianças e adolescentes de ambos os sexos” (SAFFIOTI, 2001, p. 115). No que diz respeito à violência contra a mulher, especificamente, Saffioti (1994, p. 443) afirma que a “violência do macho contra a mulher, expressa de diferentes formas - ironia, espancamento, reprodução forçada, estupro, homicídio etc. – é constitutiva da organização social de gênero no Brasil”.

mídia tem noticiado fatos dessa natureza e tem representado aqueles que são considerados culpados (e outros atores sociais também) e como isso pode influenciar a forma como nós representamos – e enfrentamos - esse problema social.

2. Os gêneros da mídia impressa

Para van Dijk (1992), em sociedades modernas, o acesso à mídia é, provavelmente, um dos instrumentos mais importantes de poder e domínio, face à enorme influência dos meios de comunicação de massa.

Atualmente, a mídia impressa (jornais e revistas), a televisiva e a digital representam as principais fontes de informação e entretenimento nas diferentes classes sociais. Elas constroem opinião e veiculam explícita ou implicitamente uma visão sobre eventos e, principalmente, pessoas. Assim, aquilo que é veiculado por elas desempenha importante papel social, político e educacional, uma vez que é constitutivo da realidade e ao mesmo tempo constituído por ela.

Dada a importância e influência da mídia na vida das pessoas e na sociedade como um todo, a tarefa de identificação, caracterização e análise dos gêneros da esfera jornalística tem atraído pesquisadores de diversas áreas.

No campo da Comunicação Social, os estudos de Marques de Melo (1985, 2003) sobre os gêneros da esfera jornalística merecem especial atenção. O autor, levando em consideração a questão da fronteira entre informação e opinião e os dados que obteve com a análise de jornais, apresenta dois tipos de jornalismo: informativo e opinativo. Dentro da categoria “jornalismo informativo”, inclui o que ele chama de formato e nós, de gêneros: nota, notícia, reportagem e entrevista; e, da categoria opinativo: editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura e carta.

É importante ressaltar que não concordamos com a designação dessas categorias como formatos como propõe Marques de Melo, pois tais categorias correspondem, na verdade, a tipos relativamente estáveis de enunciados, elaborados na esfera social jornalística e caracterizados pelo conteúdo temático, estilo verbal e estrutura composicional. Dessa forma são, seguindo Bakhtin (2000), gêneros do discurso.

A seguir, tecemos breves considerações sobre os gêneros que compõem o *corpus* deste recorte de nossa pesquisa, a saber: notícia, reportagem, editorial, artigo de opinião e carta do leitor.

Para Marques de Melo (2003, p. 66), “notícia é um relato integral de um fato que já eclodiu no organismo social. A reportagem é o relato ampliado de um acontecimento

que já repercutiu no organismo social e produziu alterações que já são percebidas pela instituição jornalística”.

Com relação à reportagem, Kindermann e Bonini (2006) explicam que não há uma definição clara na literatura da Comunicação Social acerca desse gênero. Alguns autores caracterizam-no como uma notícia ampliada e outros a entendem como um gênero autônomo. Para os dois autores, é um gênero autônomo.

No que diz respeito aos outros gêneros – editorial, artigo de opinião e carta -, eles têm em comum, como todos os do jornalismo opinativo, a presença de uma valoração explícita quanto aos acontecimentos. No entanto, eles assumem feições particulares a partir da autoria e da angulação espacial e temporal (MARQUES DE MELO, 1985, 2003). O autor explica que a valoração dos acontecimentos constitui-se a partir de quatro núcleos: a empresa jornalística, o jornalista, o colaborador e o leitor. A opinião da empresa, além de se manifestar em outros mecanismos de avaliação ideológica, como a linha editorial, a pauta, a organização/disposição das matérias jornalísticas nas folhas do jornal etc., aparece mais explicitamente (oficialmente) no editorial. Já a perspectiva do jornalista como profissional pertencente à empresa jornalística se manifesta no comentário, na resenha, na coluna e na caricatura. O ponto de vista do colaborador, por sua vez, se expressa no artigo, no ensaio, enquanto a manifestação discursiva do leitor se concretiza no gênero carta.

Marques de Melo (2003, p. 17) assevera que o artigo e a carta pressupõem autoria definida e explicitada, o que é um índice que orienta a leitura do interlocutor, sendo um parâmetro para a sua valoração em relação ao texto, principalmente no caso do artigo. Já o editorial não apresenta uma autoria explicitada nominalmente. Ela corresponde à instituição jornalística, ou melhor, "ao consenso das opiniões que emanam dos diferentes núcleos que participam da propriedade da organização": acionistas majoritários, financiadores que subsidiam a operação das empresas, anunciantes, o Estado.

Temporalmente, o editorial exige continuidade e imediatismo, ao contrário do artigo e da carta. Ambos têm uma estrutura temporal mais defasada, não coincidindo com a eclosão dos fatos. O editorial é assim definido por Nascimento (2003, p. 85):

o editorial é um texto argumentativo que representa a opinião da empresa jornalística que o publica. Através dele, é apresentado o posicionamento do jornal sobre fatos do dia-a-dia. A partir de um fato, o(a) editoralista desenvolve um raciocínio valorativo, através do qual defende, com argumentos persuasivos, a

posição político-social do jornal e refuta as opostas, conduzindo o leitor à conclusão pretendida pela empresa.

Quanto ao artigo de opinião, Marques de Melo concebe-o como um gênero jornalístico que representa um tipo de matéria escrita, na maioria das vezes, por um colaborador do jornal – fixo, eventual ou às vezes espontâneo –, convidado pela organização para expor seu ponto de vista sobre determinado assunto de sua competência, da atualidade jornalística.

No que diz respeito ao gênero carta do leitor, ele é considerado um “espaço em certo sentido democrático, ao qual cada um pode recorrer” (MARQUES DE MELO, 1985, p. 129). Porém, o espaço não é totalmente democrático, pois a opinião do público ainda passa pela avaliação da empresa jornalística.

O gênero carta do leitor circula no contexto jornalístico, em seção fixa de revistas e jornais, reservada à correspondência dos leitores. Para Bezerra, ele é

um texto utilizado em situação de ausência de contato imediato entre remetente e destinatário, que não se conhecem (o leitor e a equipe da revista/jornal), atendendo a diversos propósitos comunicativos: opinar, agradecer, reclamar, solicitar, elogiar, criticar, entre outros. É um gênero do domínio público, de caráter aberto, com o objetivo de divulgar seu conteúdo, possibilitando, assim, ao público em geral a sua leitura. (BEZERRA, 2002, p. 210).

Para a análise das representações nesses gêneros, apoiamo-nos nos pressupostos da Análise de Discurso Crítica e da Linguística Textual, sobre os quais discorreremos a seguir.

3. Sobre a Análise de Discurso Crítica e a Linguística Textual: um foco no significado representacional e na referenciação

A Análise de Discurso Crítica (ADC)¹⁰ pode ser considerada herdeira de uma perspectiva teórica iniciada em 1979 por Roger Fowler e Gunther Kress, intitulada Linguística Crítica (LC). Esta abordagem foi fortemente influenciada por trabalhos no âmbito da Teoria Social, especialmente da Teoria Crítica, ligada aos membros da

¹⁰ Ver histórico do desenvolvimento da Análise de Discurso Crítica em Wodak (2001), Gouveia (2002).

chamada Escola de Frankfurt e por trabalhos dos filósofos Michel Foucault e Antonio Gramsci.

A LC contribuiu muito para a compreensão da linguagem, de sua relação com o social e com noções de ideologia e poder. Com o desenvolvimento dessa perspectiva teórica, chegou-se à proposição da ADC.

A ADC constitui um modelo teórico-metodológico transdisciplinar, que estabelece um diálogo entre a Ciência Social Crítica e a Linguística, especificamente a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999, p.2).

Nessa perspectiva, entende-se que o discurso é moldado pela sociedade ao mesmo tempo em que a molda em todos os níveis. Assim, mantém ou sustenta relações enquanto as transforma, construindo identidades sociais, posicionando o sujeito na sociedade ou naturalizando práticas que aproximam ou separam as pessoas, favorecendo ou não as desigualdades sociais.

Em sua obra de 2003, Fairclough focaliza a análise linguística detalhada de textos e amplia significativamente o diálogo que já vinha estabelecendo em obras anteriores entre a ADC e a LSF. Nela, ele apresenta uma proposta pautada em três significados: o acional, o representacional e o identificacional.

Esses três tipos de significado são por Fairclough relacionados respectivamente aos gêneros, discursos e estilos e aos três modos principais pelos quais o discurso figura como uma parte da prática social: modos de agir, modos de representar e modos de ser. Esses três significados estão co-presentes nos textos e não são categorias estanques. Ao contrário, eles (e os gêneros, os discursos e os estilos) estabelecem entre si uma relação dialética, em que cada um ‘internaliza’ os outros. Contudo, tendo em vista os objetivos deste estudo, nós nos concentramos apenas no significado representacional.

O significado representacional é associado ao conceito de discursos “como modos de representar aspectos do mundo – os processos, relações e estruturas do mundo material, o ‘mundo mental’ dos pensamentos, sentimentos, crenças, etc, e o mundo social”¹¹ (FAIRCLOUGH, 2003, p. 124). Nessa perspectiva, o discurso como modo de representação molda os processos e práticas sociais e é por eles moldados, desempenhando papel fundamental na vida social.

Segundo Fairclough (2003), os discursos ‘lexicalizam’ o mundo de maneiras diferentes. Assim, o mais evidente dos traços distintivos de um discurso é o vocabulário.

¹¹ Esse conceito de discurso corresponde a uma das acepções do termo – como nome contável – que Fairclough distingue. A outra é o discurso - como substantivo abstrato -, referindo-se à linguagem e outros tipos de semiose como elementos da vida social.

Por isso, em uma análise das representações de um mesmo fato ou evento e de atores sociais, é importante se observar as escolhas lexicais.

Fairclough explica que olhar para os textos de um ponto de vista representacional implica, dentre outros aspectos, investigar a representação dos atores sociais. Sobre isto, van Leeuwen (1997, p. 169) destaca a importância de se olhar tanto para o linguístico quanto para o sociológico na análise das representações de atores sociais e apresenta uma rede de sistemas que abrange uma variedade de fenômenos linguísticos e retóricos, tendo como elemento centralizador o conceito de ator social. Para ele, “As representações incluem ou excluem actores sociais para servir os seus interesses e propósitos em relação aos leitores a quem se dirigem” (VAN LEEUWEN, 1997, p. 180).

Fairclough (2003) estabelece um diálogo com van Leeuwen (1996, 1997) e apresenta algumas categorias que correspondem às escolhas disponíveis para a representação dos atores sociais: inclusão ou exclusão; ativação ou passivação; pronominalização ou nomeação; pessoalização ou impessoalização; nomeação ou classificação; especificação ou generalização. Para este estudo, selecionamos algumas dessas categorias, as quais consideramos básicas dentro do esquema. São elas: ativação/apassivação; personalização (ou pessoalização)/impersonalização (ou impessoalização); categorização (ou classificação)/nomeação; especificação/generalização.

Van Leeuwen (1997, p. 187) considera que “a activação ocorre quando os actores sociais são representados como forças ativas e dinâmicas numa actvidade”. A apassivação, por sua vez, ocorre “quando são representados como ‘submetendo-se’ à atividade, ou como ‘sendo receptores dela’”.

Quanto à personalização do ator social, ela acontece quando o sujeito produtor do texto atribui características humanas ao ator social, seja por meio de pronomes pessoais ou possessivos, nomes próprios ou substantivos, e por vezes adjetivos, cujo significado inclui a característica humana. Já a impersonalização ou impessoalização diz respeito à desumanização do ator, por meio de sua representação no texto com substantivos abstratos ou concretos, cujo significado não inclui característica semântica humana.

No tocante à nomeação e à categorização, para van Leeuwen (1997, p. 200), “os actores sociais podem ser representados quer em termos da sua identidade única, sendo *nomeados*, quer em termos de identidades e funções que partilham com outros (categorização)”. Isso quer dizer que, de acordo com o interesse do sujeito produtor, os actores sociais podem ter explícitos os seus nomes, acompanhados ou não de

modificadores; bem como podem ser identificados pela função e/ou profissão que exercem na sociedade e pela classe a que pertencem.

A categorização ou classificação pode se dar de modo específico ou genérico. De acordo com van Leeuwen (1997), a generalização corresponde, na distribuição de papéis, aos atores sociais referidos como classes (referência genérica), e a especificação, aos participantes representados como indivíduos específicos e identificáveis (referência específica). Por exemplo: ‘os médicos’ podem se referir a um grupo específico de médicos (aqueles que trabalham em um hospital particular), ou à classe de médicos em geral, todos os médicos (“os médicos se veem como deuses”).

A representação sociossemântica de modo genérico pode ser realizada por meio do plural sem artigo, do singular com artigo definido e do singular com artigo indefinido, como em: “De acordo com pesquisas, mulheres são mais inteligentes que homens” (<http://sempreconsciente.blogspot.com/2010/03/mulheres-sao-mais-inteligentes-que.html>).

Enfim, são essas as variáveis para a representação de atores sociais utilizadas na análise dos textos neste artigo. Acreditamos que as escolhas lexicais feitas para a representação de um fato e dos atores sociais nele envolvidos e a forma como esses atores são representados podem ser associadas às escolhas para a referenciação nos textos.

A referenciação constitui uma atividade discursiva (cf. KOCH, 2003; MARCUSCHI & KOCH, 2002) e é vista como atividade de construção de “objetos-de-discurso”. Esses objetos-de-discurso “são construídos em práticas discursivas e cognitivas social e culturalmente situadas” (MONDADA & DUBOIS, 2003, p. 17). Portanto, não são imutáveis. Uma vez introduzidos, podem ser transformados, recategorizados, (re)construindo-se, assim, o sentido, no curso da progressão textual.

Por meio das escolhas linguísticas feitas pelo produtor do texto para a categorização de um objeto de discurso, ele pode deixar clara sua atitude em relação a esse objeto e o direcionamento argumentativo dos textos. Entendemos que tais escolhas marcam o modo como representamos os fatos e os atores sociais e que elas são fruto das crenças, valores, ideologias e conhecimento de mundo do produtor do texto, dos seus propósitos e dos propósitos do gênero a ser utilizado e do suporte no qual será veiculado.

Dentro das possibilidades de escolhas de estratégias de referenciação textual, temos as expressões nominais definidas e as indefinidas, nas quais nos concentramos na análise.

As formas nominais definidas são as formas linguísticas constituídas, minimamente, de um determinante (artigo definido ou demonstrativo), seguido de nome (KOCH, 2009). A descrição definida caracteriza-se pelo fato de o locutor operar uma seleção, dentre as propriedades atribuíveis a um referente, daquela(s) que, em dada situação discursiva, é (são) relevante(s) para a viabilização de seu projeto de dizer. Como registra Koch,

A escolha de determinada descrição definida pode trazer ao leitor/ouvinte informações importantes sobre as opiniões, crenças e atitudes do produtor do texto, auxiliando-o na construção do sentido. Por outro lado, o locutor pode, por vezes, ter o objetivo de, pelo uso de uma descrição definida, sob a capa do dado, dar a conhecer ao interlocutor, com os mais variados propósitos, propriedades ou fatos relativos ao referente que acredita desconhecido do parceiro (KOCH, 2003, p. 88).

Quanto às expressões nominais indefinidas, elas têm estrutura semelhante à das definidas; a diferença é que o determinante é um artigo indefinido (um homem, um chinês). Consideramos que essas expressões, assim como as definidas, também podem marcar o direcionamento argumentativo do texto, o posicionamento do produtor e contribuir para a construção da representação de mundo nos textos.

4 Uma visão geral do conteúdo dos textos selecionados

A notícia analisada neste recorte apresenta sucintamente detalhes sobre os motivos que levaram Bruno a ser condenado pela Justiça do Rio. Notamos que tanto a manchete “Goleiro Bruno é condenado por sequestro” quanto a linha fina “Justiça do Rio estipulou pena de 4 anos por lesão a Eliza: em MG, jogador, pode ir a júri acusado pela morte dela” foram construídas com o intuito de atrair a atenção do leitor para as situações que Bruno estava enfrentando após a descoberta do seu envolvimento no assassinato da sua ex-namorada Eliza Samudio.

A notícia também apresentou uma retrospectiva sobre o “Caso Bruno no Rio”, contemplando um relato de fatos ocorridos desde quando Bruno e Eliza se conheceram até a condenação de Bruno.

Chamou-nos a atenção na notícia o intertítulo¹² “Covardia”. Por meio dessa escolha lexical, os produtores do texto atribuem juízo de valor ao que é noticiado, caracterizando

¹² Segundo o Manual de Redação do jornal Folha de São Paulo, o termo “intertítulo” refere-se a um “pequeno título que aparece no interior de textos muito longos e tem a função de arejar a leitura”.

o ocorrido como uma “covardia” cometida por Bruno. Isso contribui para a construção de uma representação negativa do fato e do ator social Bruno.

Quanto à reportagem “Indefensável”, veiculada pela *Época*, nela a falta – leia-se crime – que o goleiro cometeu é classificada como indefensável. O texto é construído no sentido de assinalar que tudo estaria acabado para Bruno. Dentre os vários enfoques que a reportagem traz para seus leitores, esse é o principal.

A reportagem é iniciada com a reprodução da fala de uma doméstica “‘Vacilão, você tinha tudo!’”. Essa topicalização marca o foco do texto. Nele, os produtores destacam todas as qualidades de Bruno como jogador de futebol e o quanto sua carreira era promissora, para depois descreverem o ocorrido e deixar claro o quanto ele perdeu com isso. Bruno é qualificado como “frio”, devido a sua indiferença com relação à morte da ex-amante e ao fato de apenas manifestar preocupação com sua improvável participação na copa de 2014.

Os produtores da reportagem contam como se deu a escalada de Bruno ao topo e sua queda. Além disso, a reportagem faz uma retrospectiva de como Eliza conheceu Bruno até o momento de sua morte, revela depoimentos das testemunhas do fato, conta a história de Eliza desde quando nasceu, sua transição da infância para a adolescência, até as aspirações pela carreira de modelo que a levaram a São Paulo e, indiretamente, à morte. Também expõe o lado do clube rubro-negro, classificando Bruno como uma perda de dinheiro e de tempo para o time. As representações do ator social atuaram em sua maioria no sentido de desfavorecê-lo, convencendo o leitor de que Bruno seria mandante do crime e, portanto, realmente culpado. O próprio título – Indefensável, já citado acima – revela a posição dos produtores e da revista sobre o fato.

O editorial, por sua vez, “A defesa de Bruno”, apresenta o parecer da revista *Placar* (publicação voltada para assuntos esportivos, principalmente futebol) sobre o “Caso Bruno”. Assim como os gêneros notícia e reportagem, o editorial também apresenta uma retrospectiva sobre o “desenrolar” dos acontecimentos do “Caso Bruno”. No editorial, o produtor do texto tece críticas ao ator social Bruno, ironizando falas de Bruno como: “Ainda vamos rir disso tudo”; “Se eu tinha esperanças de disputar a Copa de 2014, acabou”. Ao apresentar essas falas, o editorial mostra que, mesmo diante da situação em que Bruno se encontrava, “o cerco começava a se fechar em torno dele”, ele não se mostrava preocupado com a condenação que o aguardava, mas sim com seus

interesses particulares e ínfimos, se comparados à “grandeza” do ato de violência em que ele se envolveu e a repercussão disso na mídia.

No editorial, há também uma crítica ao desenrolar do “Caso Bruno” e a como isso foi divulgado: “A história se desenrolou dia a dia como se fosse uma novela da Globo”. Isso nos leva a refletir sobre o que Ramonet (1999) propõe:

Ao contrário de qualquer outra indústria onde a concorrência obriga cada um a apresentar produtos diferentes, na indústria midiática ela pressiona os jornalistas a submeter-se ao mimetismo, a consagrar todo o seu talento em repetir a mesma história, a tratar do mesmo caso que mobiliza, ao mesmo tempo, toda a mídia. (RAMONET, 1999, p. 53).

No que diz respeito ao artigo de opinião “A nação rubro-negra e seus bad boys” escrito pela diretora da sucursal de Época no Rio de Janeiro, Ruth de Aquino, ele condiz bastante com a reportagem, uma vez que ambos foram veiculados na mesma revista e no mesmo dia: 12 de julho de 2010. Ele fala principalmente dos danos que não só Bruno, mas outros jogadores do Flamengo causaram ao Flamengo. Para Ruth, depois da “era Zico”, os jogadores que integraram e integram o clube não mais fazem jus ao seu lema: “Craque o Flamengo faz em casa”. As novas turmas, para ela, seriam mimadas e sem integridade e caráter. Bruno teria levado a imagem do time ao fundo do poço, com “um homicídio triplamente qualificado, com requintes de crueldade”.

Com relação à carta do leitor, ela faz referência ao conteúdo apresentado na reportagem “Indefensável”. A leitora faz um apelo para que os rubro-negros, ou não, não gritem antecipadamente a palavra “assassino” e que os excessos não sejam atribuídos à fama e à popularidade de alguns. Dessa forma, ela não caminha na mesma direção argumentativa da reportagem a que se refere.

5. A representação do fato em gêneros da mídia impressa

Na análise da representação do que denominamos como “Caso Bruno”, identificamos um total de 73 ocorrências de representação do fato e o predomínio das seguintes escolhas lexicais em ordem de maior frequência: “crime”, “sequestro”, “caso”, “homicídio”, “assassinato” e “morte”.

Em todos os gêneros, predomina o uso de expressões nominais definidas, com exceção do artigo de opinião, em que temos, ao contrário do que ocorre nos outros gêneros, 01 (uma) ocorrência de expressão nominal definida e 03 (três) de indefinidas. Acreditamos que este seja um exemplo de como as expressões nominais indefinidas também marcam o direcionamento argumentativo do texto, o posicionamento do produtor e contribuem para a construção da representação de mundo nos textos.

No artigo de opinião da revista *Época*, Aquino critica “uma geração de talentosos atletas rubro-negros que, em quase duas décadas, se tornaram astros mimados, vaidosos, indisciplinados e sem limites” e aponta o goleiro Bruno como o exemplo mais radical e extremo dessa geração. Dessa forma, ela parte do ocorrido com Bruno, mas o artigo não trata apenas disso. Ela retoma atitudes de alguns jogadores do Flamengo que ilustram, para ela, “o antiprofissionalismo e a falta de pudor de alguns elementos”. Talvez, por isso, haja maior ocorrência de expressão nominal indefinida.

Não podemos aqui apresentar afirmações generalizantes, tendo em vista as limitações de nossa investigação. Para isso, é preciso analisar mais artigos de opinião, para um melhor investigação do uso das expressões nominais indefinidas.

Ruth de Aquino focaliza os efeitos negativos das ações do que ela chama de “turma do oba-oba” no time e critica a forma como essa turma – na qual inclui Bruno Fernandes – tem agido. Ela representa o fato no qual Bruno está envolvido como “um homicídio triplamente qualificado, com requintes de crueldade” e o que ele representou para o Flamengo: “um golpe no coração rubro-negro”; “um rombo no caixa da Gávea”.

Vejamos os números de ocorrências em cada gênero:

| TIPO DE OCORRÊNCIA | CASO BRUNO | | | | | TOTAL |
|-----------------------------------------------|------------|------------|-----------|-------------------|-----------------|-----------|
| | Notícia | Reportagem | Editorial | Artigo de opinião | Carta do leitor | |
| REPRESNTAÇÃO POR EXPRESSÃO NOMINAL DEFINIDA | 08 | 42 | 09 | 01 | -- | 60 |
| REPRESNTAÇÃO POR EXPRESSÃO NOMINAL INDEFINIDA | 01 | 03 | --- | 03 | --- | 07 |
| REPRESNTAÇÃO | 05 | 12 | --- | --- | --- | 17 |

Quadro 2: ocorrências de representação do fato

Acreditamos que o predomínio da representação por expressão nominal definida denota especificidade no tratamento do fato e a forma de retomada de elementos textuais mais comum. Para exemplificar as ocorrências, temos: “a Justiça deve decidir

nos próximos dias se levará a júri o goleiro e outros oito supostos envolvidos no assassinato de Eliza” (notícia); “O Ministério Público mineiro pediu a condenação de Bruno, a quem chamou de ‘mentor e coordenador’ do crime” (notícia), “a confissão de um menor de que ele teria participado do sequestro seguido de morte” (editorial); “Danos morais, porque o crime macabro de Eliza manchou a imagem do Flamengo” (artigo); “a barbárie” (editorial); “esse episódio tão dramático” (carta do leitor).

No tocante às expressões nominais indefinidas, elas aparecem em número bem reduzido nos gêneros notícia e reportagem e aparecem também no artigo de opinião. Eis alguns exemplos: “Num massacre sem precedentes na história brasileira”; “um descontrole dessa magnitude”; “um crime bárbaro”; “um homicídio triplamente qualificado, com requintes de crueldade”.

Como dissemos, na categoria “representação” foram enquadradas as ocorrências que não são precedidas de elementos explícitos identificadores de definição ou de indefinição, mas que constituem também uma forma de se representar o fato e apresentam escolhas que demonstram como o fato foi avaliado pelo/s produtor/es.

Os gêneros que apresentaram esse tipo de ocorrência foram os pertencentes ao jornalismo informativo: a notícia e a reportagem. Da mesma forma que as formas nominais definidas e indefinidas, essas ocorrências contribuem para a caracterização dos fatos como algo digno de repúdio. Exemplo disso são os fragmentos: “Sequestro, lesão corporal e constrangimento ilegal”; “covardia”; “filme de terror”; “Sumiço da moça”; “Caso repercute no mundo”; “ataque sem precedentes na história do país”.

De acordo com Koch (2003), as formas nominais são vistas como um dos recursos coesivos mais produtivos encontrados na textualidade. A autora afirma que, nessas formas, as escolhas lexicais para o nome-núcleo e/ou para seus modificadores realizam papel fundamental, uma vez que vão ser as responsáveis pela orientação argumentativa do texto.

Isso pode ser evidenciado por meio do destaque de algumas escolhas de nomes-núcleo e de modificadores efetuadas para a representação dos dois fatos, tais como: “Danos morais, porque o crime macabro de Eliza manchou a imagem do Flamengo”; “a barbárie”; “um crime bárbaro”; “um homicídio triplamente qualificado, com requintes de crueldade”.

Na análise, observamos que não houve diferença significativa nas escolhas para a representação do fato nos diferentes gêneros e suportes como identificado na análise de outros fatos (ver OTTONI, 2010 a e b, 2011). Em todos os gêneros, elas marcaram a crueldade e a barbaridade do fato.

7. A representação do ator social nos cinco gêneros

Inicialmente, apresentamos um quadro com os números de ocorrências de expressões nominais identificadas na construção da referência (KOCH, MORATO e BENTES, 2005), do campo da Linguística Textual, e de variáveis propostas por Fairclough (2003) e por van Leeuwen (1996, 1997) para a representação do ator social Bruno Fernandes:

| TIPO DE ESCOLHA | BRUNO FERNANDES | | | | | TOTAL |
|----------------------------------------------------|-----------------|------------|-----------|-------------------|-----------------|------------|
| | Notícia | Reportagem | Editorial | Artigo de opinião | Carta do leitor | |
| Expressões nominais definidas | 6 | 39 | 05 | 03 | --- | 53 |
| Expressões nominais indefinidas | --- | 6 | --- | 01 | --- | 07 |
| Representação por classificação de modo específico | 13 | 75 | 6 | 11 | 0 | 105 |
| Representação por classificação de modo genérico | --- | --- | --- | 02 | 01 | 03 |
| Representação por nomeação | 12 | 110 | 14 | 13 | 01 | 150 |
| Representação de modo impessoal | ---- | ---- | ---- | ---- | ---- | ---- |
| Representação de modo pessoal | 13 | 75 | 6 | 13 | 01 | 108 |
| Representação de modo ativo | 8 | 107 | 12 | 10 | 0 | 137 |
| Representação de modo passivo | 15 | 61 | 6 | 11 | 2 | 95 |

Quadro 3: Tipos de escolhas utilizadas para a representação do ator social

Esses dados revelam que, em todos os gêneros, predominam as expressões nominais definidas e a classificação de modo específico. Este resultado vem ao encontro do que van Leeuwen afirma sobre a mídia voltada para a classe média. Segundo ele, essa mídia tende a classificar de modo específico famosos, especialistas e agentes governamentais e isso produz um efeito de individualizar o ator social e de, assim, não criar uma universalização.

Outro ponto observado é o número total de representação do ator social de modo ativo bem maior que o passivo. Contudo, identificamos que nos gêneros notícia, artigo de opinião e carta do leitor predominou a representação de modo passivo e não ativo. Vejamos alguns trechos ilustrativos: “Goleiro Bruno é condenado por sequestro”; “Bruno foi condenado”; “A 1ª Vara Criminal de Jacarepaguá condena Bruno”; “são justamente elas que podem salvar a pele do goleiro”; “Bruno, réu primário (...) pode receber uma pena leve”.

Já na reportagem e no editorial, encontramos mais ocorrências de representação de modo ativo. Vejamos uns exemplos: “É absolutamente reprovável a conduta do réu, já que praticou os crimes (...) com o propósito de se ver livre do status de pai que não desejava desempenhar”; “Bruno, (...) tinha trocado seu figurino elegante de goleiro por um uniforme vermelho de presidiário”; “Bruno sequestrou e obrigou a ex-namorada a tomar comprimidos abortivos.

Diferentemente do que observamos na análise de outro caso que compôs a pesquisa, em que a mescla na representação de um ator social de modo ativo e passivo contribuiu para a construção de uma representação em que ora ele era culpado, ora vítima, no “Caso Bruno” os dois modos de representação contribuíram para a construção de uma identificação segundo a qual ele é culpado pelo ocorrido e deve pagar pelo que fez.

No quadro 3, verificamos também uma prevalência da nomeação na reportagem e no editorial. Conforme Van Leeuwen (1997), nas narrativas da imprensa, as personagens nomeadas tornam-se pontos de identificação para o leitor e acreditamos que o predomínio da nomeação na representação do ator social Bruno constitui uma estratégia de reforço da identificação do nome de um famoso, envolvido em um crime tão brutal.

Ainda sobre a nomeação, Rajagopalan (2003, p.82) afirma que a influência da mídia na opinião pública começa no ato de designação e essa influência pode ser favorável ou contrária a personalidades e a acontecimentos noticiados. Esse ato de designação, para Ottoni (2010 a e b, 2011), envolve tanto a nomeação quanto a classificação e a utilização de expressões nominais.

Nesse sentido, no gênero notícia, por exemplo, encontramos uma ocorrência a mais de representação por classificação que por nomeação; no artigo de opinião e na carta do leitor, o mesmo número de ocorrências para as duas categorias. Nesses três gêneros, a classificação exerceu papel igual ou superior à nomeação na construção de diferentes representações do ator social Bruno. Dessa forma, considerando os cinco gêneros e os números obtidos relativos às duas categorias, podemos dizer que a nomeação e a classificação são recursos fundamentais na construção de representações e da referenciação nos textos.

Na reportagem, por exemplo, as classificações ressaltam as conquistas e qualidades de Bruno como goleiro, assinalam o que o crime lhe custou e no que o ator se transformou aos olhos do povo brasileiro. Dessa maneira, constrói uma representação do ator social Bruno como sendo “um vencedor”, “uma pessoa pública” que se

transformou em um “um monstro”; o “orgulho de uma família desestruturada” que se tornou “o mandante de um crime bárbaro”; o “herói da torcida”; “autor de defesas importantes”, “de origem humilde”, “adorado por adultos e crianças”, “ídolo”, “líder”, “capitão do time” que se transfigurou em “suspeito de sequestro”, “ciente do homicídio”, “antigo ídolo da torcida do Flamengo”, “assassino”, “fichado”, “preso”, “foragido”, “afastado do resto do elenco”, “vacilão”, “matador” etc.

Assim como na reportagem, no artigo de opinião a autora qualifica Bruno em campo e logo em seguida o desqualifica por suas atitudes fora do campo em relação à Eliza. Nesse sentido, o “herói ativo de tantas disputas em campo” é chamado por Aquino de “Um débil mental que jogou sua vida no ralo e comprometeu o clube”. A articulista utiliza em seu texto uma fonte do clube não revelada que diz que Bruno é um “pateta” e que “pôs tudo a perder”.

Nesses dois gêneros, como se pode ver, há várias escolhas linguísticas que constroem uma avaliação e representação negativa do ator social Bruno. E isso não foi observado nos gêneros notícia e editorial. Nestes, predominam escolhas em que a avaliação não fica explícita, como nos exemplos: a) da notícia: “Goleiro Bruno”; “jogador”; “Bruno”; “o jogador”; “ao atleta”; b) do editorial: “Bruno”; “o goleiro Bruno”; “goleiro do Flamengo”.

Enfim, nos textos analisados, as escolhas feitas nos diferentes gêneros e suportes destacaram o quanto Bruno foi cruel e o posicionaram como culpado e como alguém que “jogou sua vida no ralo” e “pôs tudo a perder”.

8. Considerações finais

Como afirma Bourdieu (1997, p. 25-26), “Os jornalistas têm óculos especiais a partir dos quais veem certas coisas e não outras; e veem de certa maneira as coisas que veem. Eles operam uma seleção e uma construção do que é selecionado. O princípio da seleção é a busca do sensacional, do espetacular.”. Assim, é importante que os leitores tenham acesso a vários textos, de vários gêneros, sobre um mesmo assunto, comparem as representações construídas neles, para que não vejam o mundo apenas pelas lentes dos óculos de um só jornalista e de um só meio de comunicação.

Acreditamos que o estudo ilustra a importância de se investigar as representações de um mesmo fato e dos atores sociais nele envolvidos construídas nos diferentes gêneros e compará-las. Ele mostra como as escolhas presentes nos gêneros que

objetivam a informação, como a notícia e a reportagem, marcam – assim como acontece nos gêneros do jornalismo opinativo - a avaliação e o direcionamento argumentativo.

Consideramos, como Fairclough (2003), que os textos têm efeitos causais e sociais e influenciam na forma como os leitores representam o mundo. Assim, defendemos que os diferentes modos de se representar o mundo nos textos devem ser foco de atenção tanto de professores, em sala de aula, quanto de pesquisadores.

Enfim, o que expusemos neste artigo são alguns dos resultados obtidos. Sem dúvida, há outros aspectos que podem ser contemplados na análise, como uma discussão sobre o problema da violência no Brasil, especialmente da violência de gênero.

Referências

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina G. G. Pereira. 3^a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BEZERRA, M.A. Por que cartas do leitor na sala de aula?. In: DIONÍSIO, A.P., MACHADO, A. R. e BEZERRA, M. A. (org.) **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

CARNEIRO, L. P. Ameaça do Crime Organizado à Segurança Pública no Brasil. **Interesse Nacional**. Ano 3, edição 10, julho a setembro de 2010, p. 30-40. Disponível em: http://interessenacional.uol.com.br/artigos-integra.asp?cd_artigo=80. Acessado em 02 de janeiro de 2012.

CHOULIARAKI, L. & FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis**. Edinburgo: Edinburgh University Press, 1999.

FAIRCLOUGH, N.. **Analysing discourse: textual analysis for social research**. Londres e Nova York: Routledge, 2003.

GOLDENBERG, M. 2001. **A arte de pesquisar** – Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 5 ed. Rio de Janeiro: Record.

HARCUP, T. e O'NEILL, D. "What is news? Galtung and Ruge revisited". **Journalism Studies Review**, v. 2, n. 2, 2001, pp. 261-280.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. 2^a. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (orgs.). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 33-52.

MARCUSCHI, A. & KOCH, I. G. V. Estratégias de referenciação e progressão referencial na língua falada. In: ABAURRE, M.B.M. & RODRIGUES, A. C.S. (org.). **Gramática do português falado**. Novos estudos descritivos. Campinas: Ed. UNICAMP, v.8, p. 31-56. 2002

MARQUES DE MELO, J. (Org.). **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. **Jornalismo Opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro.** 3ª ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MAUTNER, G. Analysing newspapers, magazines and other print media. In: WODAK, R. & KRZYZANOWSKI, M. (eds). **Qualitative discourse analysis in the social sciences.** New York: Palgrave Macmillan, 2008, p. 30-53.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. Tradução CAVALCANTE, M. M. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B. e CIULLA, A. (orgs.). **Referenciação.** São Paulo: Contexto, p.17-52, 2003.

OTTONI, M. A. R. A representação e a referenciação em gêneros dos jornalismo informativo e opinativo. In: IX CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO LATINO-AMERICANA DE ESTUDOS DO DISCURSO (ALED 2011): DISCURSOS DA AMÉRICA LATINA: VOZES, SENTIDOS E IDENTIDADES, 2011, Belo Horizonte, MG. **Anais...**, Belo Horizonte, 2011, p. 1-18. (CDRom).

OTTONI, M. A. R.. Análise da representação de atores sociais na mídia impressa: um olhar para o significado representacional. In: COLÓQUIO DA ALED BRASIL. DISCURSO E PRÁTICAS SOCIAIS. UM TRIBUTO A LUIZ ANTONIO MARCUSCHI, 3, 2010. Recife, PE. SAITO, K. e outros (org.). **Anais...**, Recife: UFPE, 2010a, p. 615-636. (CD ROM).

_____. A representação de fatos e de atores sociais em gêneros da mídia impressa. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO DE LINGÜÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL DA AMÉRICA LATINA: a Linguística Sistêmico-Funcional e seu potencial de empoderamento semiótico-discursivo. Fortaleza, 6, 2010. **Anais...**, Fortaleza: UEC, 2010b, no prelo.

RAJAGOPALAN, K. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética.** São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

RAMONET, I.. **A tirania da comunicação.** Petrópolis: Vozes, 1999.

SAFFIOTI, H. I. B. “Violência de Gênero no Brasil Atual”. **Estudos Feministas**, vol. 2, Número Especial, 1994, p. 443-461;

_____. “Contribuições Feministas para o Estudo da Violência de Gênero”. **Cadernos Pagu**, 16, p.115-136, 2001.

VAN DIJK, T.A. **Cognição, discurso e interação.** Org. e Apresentação de Ingedore V. Koch. São Paulo: Contexto, 1992.

VAN LEEUWEN, T. The representation of social actors. In: CALDAS-COULTHARD, C.; COULTHARD, M. (eds.). **Texts and Practices: readings in Critical Discourse Analysis.** Londres: Routledge, 1996, p. 32-70.

VAN LEEUWEN, T. A representação dos atores sociais. In: PEDRO, E. R. (org.) **Análise crítica do discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional.** Lisboa: Caminho, 1997, pp. 169-222.